

Tucanos explicam sua derrota no Sul

JOSÉ MITCHELL

PORTO ALEGRE — Uma decisão política de campanha, só agora revelada, ajuda a explicar a derrota de Fernando Henrique no Rio Grande do Sul: conforme o vice-governador João Gilberto (PSDB), o apelo que fez, durante a campanha, para que o candidato tucano incluísse cidades gaúchas médias em seu roteiro de visitas, como única forma de derrotar Lula, foi rejeitado pelo comitê nacional de campanha do PSDB, em São Paulo. "Eles temiam que ocorresse algum incidente grave no estado, que pudesse causar danos irreparáveis à campanha nacional do Fernando Henrique", contou João Gilberto.

Depois de dar a Lula a maior votação (60%) no segundo turno da eleição presidencial de 1989,

graças também à transferência de votos de Brizola, em 1994 o Rio Grande do Sul ficou de novo ao lado de Lula, junto com o Distrito Federal. Pelo resultado final do TRE gaúcho, Lula fez 1.610.377 votos, enquanto Fernando Henrique Cardoso ficou com 1.422.390.

A recém-eleita deputada federal do PSDB Yeda Crusius, do alto dos seus mais de 100 mil votos, lembra que o estado "foi berço dos principais presidentes da República, local de fronteira de guerras e aonde a consistência dos partidos leva a uma polarização na disputa eleitoral".

Para o senador reeleito José Fogaça (PMDB), o posicionamento dos gaúchos merece uma profunda análise. Por isso, não se atreve a dar uma resposta definitiva. Mas avalia: "Pelo resultado das urnas, os

gaúchos rejeitam o Plano Real. Pelo Rio Grande do Sul, o Plano Real acabaria no dia 1º de janeiro de 1995", arrisca.

Brizola — O carisma de Leonel Brizola ajuda a explicar a vitória de Lula no estado em 1989, mas desta vez não: Brizola ficou com uma média de 15% e amargou um terceiro lugar no seu estado natal, atrás exatamente de Lula e Cardoso. Mesmo assim, a afirmação do próprio Fernando Henrique, na coletiva em Brasília, tem consistência: Brizola, aqui, ainda é forte (os 15% foram o seu mais alto índice no país), assim como é forte o PT, que apresentou duas boas administrações na prefeitura de Porto Alegre, principais vitrines nacionais do partido sobre sua capacidade de gerir o Executivo.

Há explicações partidárias e operacionais também: o presidente regional do PSDB, deputado Adroaldo Streck, afirmou que o partido sofreu dificuldades pela reduzida estrutura que possuía no estado: um deputado federal — o próprio Streck —, seis vice-prefeitos, 90 vereadores e organizado em apenas metade dos 427 municípios gaúchos.

Além disso, somente a partir de setembro os tucanos gaúchos organizaram um comitê de campanha e estruturaram uma atuação mais forte em favor de Cardoso, conforme relatou Streck. O vice-governador João Gilberto manifestou sua "preocupação" com o fato de o Rio Grande do Sul ter sido o único estado a votar contra o presidente eleito.

Brasília — Josemar Gonçalves

□ Acompanhado dos ministros Celso Amorim (Relações Exteriores), Ivan Serpa (Marinha) e Lélío Lobo (Aeronáutica), o presidente Itamar Franco assistiu ontem à exibição da Esquadilha da Fumaça, durante a cerimônia da troca da bandeira na Praça dos Três Poderes. Ao som da trilha sonora dos filmes de Indiana Jones e do Tema da Vitória de Ayrton Senna, a esquadilha arrancou aplausos do presidente. "Foi uma bela manobra", comentou Itamar ao ver os aviões tucanos numa evolução batizada de "catedral".

